

***Antropologias do Sensível:  
Etnografia e Ficção como artes de Fazer Pesquisa***  
Cristina Maria da Silva\*<sup>1</sup>

**Resumo:**

A partir de uma pesquisa com escritores literários, deparei-me com os possíveis, embates, encontros, métodos e conversações entre as ciências sociais e a ficção. Entre eles, a questão que me coloco é a relação entre a etnografia e a ficção no ato de contar e narrar as experiências humanas, percorrer os seus rastros e restos. A etnografia tem caminhando entre as ficções da vida social para se configurar como texto e leitura da cultura, o cenário da escrita é a prova de que se esteve no campo e a descrição representa a realidade observada. A escritura literária capta a trama social recombinao seus sentidos. Não apenas imita a realidade vista, mas decompõe suas estruturas de organização. Ambas caminham entre o verdadeiro, o falso e o fictício na composição da narrativa. Ambas são narrativas? O que seria um autor para a antropologia, o mesmo que é um narrador para a literatura? Ambas são encontros e fabulações sobre esses encontros, entre pessoas e fatos, entre sujeitos de pesquisa e seres reais, personagens e suas ficcionalidades escritas e narradas. Olhar para a realidade não é uma competência é uma experiência, alerta-nos Didi-Huberman é nesse sentido e com essa intuição que desbravamos as fronteiras entre o trabalho antropológico e o trabalho ficcional buscando recompor experiências individuais e coletivas através dos passos e dos rastros das enunciações de uma “geografia de ações” do nosso tempo.

**Palavras- Chave: Ficção, Etnografia, Experiência Social.**

La página era extraña.  
No era una descripción de la batalla, era la batalla.  
Jorge Luis Borges (1990: 168).

A partir de uma pesquisa com escritores literários na compreensão das socialidades contemporâneas<sup>2</sup>, deparei-me com os possíveis, embates, encontros, métodos e conversações entre as ciências humanas e a ficção. Entre eles, a questão que pretendo refletir é a relação entre a etnografia e a ficção no ato de contar e narrar as experiências humanas. A etnografia tem caminhando entre as ficções da vida social para se configurar como texto e leitura da cultura, o cenário da escrita é a prova de que ele esteve no campo e sua descrição representa a realidade observada. O etnógrafo recria mundos no texto, que não deixam de ser atravessados por suas inscrições, percepções e interpretações diante do que é observado.

A escritura literária capta a trama social recombinao seus sentidos. Não apenas imita a realidade vista, mas decompõe suas estruturas de organização. Minha hipótese é que ambas caminham entre o verdadeiro, o falso e o fictício na composição

---

<sup>1</sup> Doutora em Ciências Sociais. Professora do Departamento de Ciências Sociais- UFCE. Pesquisadora Colaboradora- Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais- IFCH -UNICAMP. Email: [crimasbr@yahoo.com.br](mailto:crimasbr@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> Rastros das Socialidades: Conversações com João Gilberto Noll e Luiz Ruffato. Pesquisa apresentada como Tese de Doutorado no IFCH- Unicamp, 2009.

da narrativa. O que seria um autor para a antropologia, o mesmo que um narrador para a literatura?

### *Antropologia e Ficção*

Para pensarmos a questão da autoria de certo modo é importante retomar algumas proposições de Michel Foucault, quando aborda o lugar do autor: 1) a impossibilidade de tratá-lo como uma descrição definida, 2) tomá-lo não exatamente como proprietário de seus textos; 3) a sua atribuição diante do que foi dito ou escrito é permeada de operações complexas e nem sempre justificadas; 4) pensá-lo diante da posição que ocupa em um campo discursivo. Diante destas proposições Foucault deixa de tornar transparente o trabalho do que escreve com a escrita, tomando esta prática como um experimento que precisa ser refletido.

A escrita se desenrola como um jogo que vai infalivelmente além de suas regras, e passa assim para fora. Na escrita, não se trata de manifestação ou da exaltação de um sujeito em uma linguagem; trata-se da abertura de um espaço onde o sujeito que escreve não pára de desaparecer. (FOUCAULT, 2001, p. 268).

O fato é que para Foucault, o lugar do autor ou o vazio que ele deixa, o ato de escrever e mesmo a obra e a unidade que ela aponta são todos aspectos problemáticos. “A função autor é, portanto, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade.” (FOUCAULT, 2001, p. 274). Ele não se refere a uma evidência de sua existência individual ou social, não se localiza nem no estado civil, nem na obra, mas na ruptura que instaura. O autor é, segundo Foucault: “uma figura ideológica pela qual se afasta a proliferação do sentido.” (FOUCAULT, 2001, p. 288). Desse modo, o autor não seria apenas uma função, mas também uma ficção. (CHARTIER, 2012, p. 29).

Esta é uma questão retomada por Geertz o que vem a ser um autor para a antropologia? Para ele pode ser que em outros campos o autor, mas também o homem, a história, o eu, Deus, estejam morrendo, mas esta é uma questão que ainda interessa aos antropólogos, pois “ele, ou ela, ainda está vivíssimo entre os antropólogos. Em nossa ingênua disciplina, talvez uma episteme atrasada, como de praxe, ainda é muito importante saber quem está falando.” (GEERTZ, 2009, p. 18). De certo modo, o que podemos pensar é que é preciso enfrentar o outro, mas é preciso também enfrentar a página. As experiências, diz Geertz, em “grande parte biográficas ficam obscurecidas, as representações explícitas da presença do autor tendem, como outros embaraços, a

ficar relegadas aos prefácios, notas ou apêndices.” (GEERTZ, 2009, p. 22; 29). Pensar nas palavras de Foucault: “Que importa quem fala?” pode nos levar a outras proposições do autor escritas em outro momento. Levar em consideração “o fato de se falar de algo, quem fala, os lugares e os pontos de vista de que se fala, as instituições que incitam a fazê-lo, que armazenam e difundem (...) o fato discursivo.” (FOUCAULT, 1988, p. 16).

Autoria e narrativas enfrentam os embates do dizer, acionando sentidos e multiplicidades. Trilham de certo modo os embates entre o real e a ficção, e entrar no texto, no cenário da escrita, talvez seja tão difícil quanto entrar nos códigos de uma cultura. Se o autor não se configura necessariamente como uma identidade, o narrador também não. Roland Barthes problematiza a questão ao afirmar em a Morte do Autor:

Que nas sociedades etnográficas, a narrativa nunca é assumida por uma pessoa, mas por um mediador, xamã ou recitante, de quem, a rigor, se pode admirar a performance (isto é o domínio do código narrativo). (BARTHES, 2012, p. 58).

Se alguém fala no texto, lembra Barthes, não é um autor, antes é a linguagem. Se existe um lugar onde a multiplicidade do texto se reúne não é no autor, antes é no leitor. Nele é que se inscrevem os traços da escrita. Ele é que decompõe a teia de signos de que a língua é feita. Cabe lembrar que nos signos dorme os estereótipos (*stereo*= sólido/), os tipos sólidos que estruturam uma cultura e uma sociedade. Ao falarmos e escrevermos recolhemos o que se arrasta na língua: servidão e poder. “Dar ao texto um autor é impor-lhe um travão, é provê-lo de um significado último, é fechar a escritura.” Por ele também temos uma referência de como um texto não é uma mensagem Autor-Deus no sentido teológico, mas:

Um espaço de dimensões múltiplas, onde se casam e se contestam escrituras variadas, das quais nenhuma é original: o texto é um tecido de citações, oriundas dos mil focos da cultura. (BARTHES, 2012; p. 63; 62).

Tomando a etnografia como a arte de grafar alteridades, podemos lembrar do que afirma Geertz (2009) de que talvez a etnografia seja uma espécie de escrita, um colocar as coisas no papel, que é muito mais produzida, consumida do que examinada enquanto prática. Como ele aponta dizem que a “etnografia torna-se um mero jogo de palavras, como se presume que sejam os poemas e os romances”, contudo as condições desse jogo nem sempre são tão familiares quanto pressupomos. Tanto a etnografia como

os poemas e romances são grafias que lidam com signos que constantemente deslocam a linguagem conhecida e comum.

Se ambos têm como a finalidade recompor a realidade as suas condições não estão dadas, são artes de fazer que se montam também com os contextos que recriam no papel. São grafias que lidam com experiências e lidar com estas é atentar para o que Joan Scott aborda de que ao tentarmos tornar a experiência visível precisamos dar conta: “Dos processos históricos que, através do discurso, posicionam sujeitos e produzem suas experiências. Não são os indivíduos que têm a experiência, mas os sujeitos é que são constituídos através da experiência.” Pensar a experiência desse modo é não tomá-la como um dado e considerá-la: “não a origem de nossa explicação, não a evidência autorizada (porque vista ou sentida) que fundamenta o conhecimento, mas sim aquilo que buscamos explicar, aquilo sobre o qual se produz conhecimento”. (SCOTT, 1999, p. 27).

Experiência é etimologicamente: *ex* (fora), *peri* (perímetro, limite), *entia* (ação de aprender ou conhecer, além das fronteiras, dos limites. A experiência ou compreender as experiências de outrem é estar fora, além das fronteiras e dos limites postos desbravando, aventurando-se num conhecimento e em uma aventura de aprendizados.

Para ultrapassar o quadro comum da experiência concreta e imediata na vida social é preciso percorrer exílios, sejam reais ou imaginários, para mostrar outros sentidos onde o pó do cotidiano se sedimentou e demonstrar os aspectos contingentes que compõem o texto da existência. Para pensar é necessário não estar adaptado plenamente nem no que é familiar e nem na “ladainha dos nativos.” (SAID, 2005, p. 60).

Escrever e pensar são atividades solitárias, que percorrem as fronteiras entre o estabelecido e o que está nas margens. Sua tarefa não é “atuar para que seu público se sinta bem: o importante é causar embaraço”. (SAID, 2005, p.27), provocando, invocando, conduzindo os leitores para um passeio por outros caminhos, por outras razões e lógicas, mostrando que outros mundos são possíveis, outras realidades se constituem, com diferenças e identidades, para além do alcance de seus olhos e de todo e qualquer conformismo.

Nas ciências sociais, tem havido um movimento constante para outras artes e saberes, um encontro com outras linguagens, talvez porque o próprio mundo não tenha mais como ser sedentário, mas nômade e movediço, ao lidar com alteridades múltiplas. Na busca por compreender os passos e nomadismos humanos, sobretudo, na

antropologia se tem buscado, em toda a história dessa disciplina, percorrer, com o olhar, realidades múltiplas, tentando captar realidades e sentidos. Desse modo, faço desse ensaio uma possibilidade de encontro e embate entre o fazer etnográfico, a leitura social e a ficção para pensar em como todas essas práticas e saberes se entrelaçam na fabricação da realidade. Nas palavras de Certeau pensando as relações entre a arte e a ciência:

A arte constitui em relação à ciência um saber em si mesmo essencial, mas ilegível sem ela. Posição perigosa para a ciência, pois só lhe resta poder dizer o saber que lhe falta. Ora entre ciência e arte, considera-se não uma alternativa mas a complementaridade e, se possível, a articulação. (CERTEAU, 2009, p. 131).

Construir um mundo através de palavras ou do embaralhar delas é uma maneira de fazer existir a descrição de uma realidade e a possibilidade de compreensão da alteridade dos outros. Como lembra Jorge Luis Borges, na epígrafe citada “a própria página é uma batalha”, quando pensamos na definição de um “objeto” ou de um “abjeto”, o que é ignóbil, desprezível. No caso da Antropologia: “pensar a definição do objeto não como algo exterior ao conhecimento antropológico, mas como determinante de qualquer possibilidade de existência da etnografia, como aponta Antonádia Borges (2006).

A antropologia talvez tenha estado mais perto da ficção do que a sociologia, pois mesmo sabendo que a etnografia não é isenta de lacunas e nem neutra, ela tem sido combinada com abordagens sobre narrativas, biografias, trajetórias, histórias de vida e escrituras como uma maneira de alinhar no tecido social os percursos e trilhas dos indivíduos.

Como bem lembrou Lévi-Strauss:

Enquanto a sociologia se esforça em fazer a ciência social do observador, a antropologia procura, por sua vez elaborar a ciência social do observado (...) tentando então extrair um sistema de referência fundando na experiência etnográfica, e que seja independente, ao mesmo tempo, do observador e de seu objeto. (LÉVI-STRAUSS, 1996, p.404).

Ora, o que Lévi- Strauss está ressaltando é que partir do ponto de vista do observador “permite extrair propriedades aparentemente mais rigorosas”, do que quando se implica ampliar a perspectiva para “outros observadores possíveis”. (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 404). Incluir outras referências, experiências e observadores

possíveis, é de certo modo deslocar os lugares do verdadeiro, do falso e do fictício, possibilitando outros acessos à interpretação da realidade social e cultural.

A etnografia tem caminhando entre as ficções da vida social para se configurar como texto e leitura das culturas ou de suas artes de fazer. Como descrição, a etnografia tenta captar rastros do vivido, entrelaça seus fios nas narrativas descritas, caminha entre a ficção, o verdadeiro, o falso, tal como o chão do próprio romance, que sendo em si uma trama, enovela a realidade espacial e temporal em seu avesso, abrindo abismos e recombinao sentidos. Como desdobramento da etnografia, a etnologia nas palavras de Barthes é vista como uma tentação:

É que o livro etnológico tem todos os poderes do livro amado: é uma enciclopédia que anota e classifica toda a realidade mesmo a mais fútil, a mais sensual; essa enciclopédia não adultera o Outro, reduzindo-o ao Mesmo; a apropriação diminui, a certeza do Eu se aligeira. Enfim, de todos os discursos sábios, o etnológico aparece-lhe como o mais próximo de uma Ficção. (BARTHES, 2003, p. 98).

O antropólogo, tendo um campo de trabalho, numa cultura específica, não deixa de ser um escritor, marcado por elementos como raça, nacionalidade, gênero, idade, história pessoal do pesquisador como um *fieldworker*. A noção do trabalho de campo como uma experiência foi negada pelo positivismo, como se fosse uma atividade apenas de “uma coleção de dados feita por uma máquina impessoal”. (OKELY, 1992, p. 3 – tradução minha). Ou mesmo que exista uma distância entre a experiência do trabalho de campo e a escrita etnográfica, visto que essa visão oculta, o que qualquer escritor sabe:

O ato de escrever modifica aquele que escreve. Na antropologia, a leitura e os cadernos de campo, a imersão no material coletado e, principalmente, a própria escrita etnográfica, revivem o trabalho de campo, fazem com que sejamos afetados de novo. (GOLDMAN, 2003, p. 11).

Mas, o trabalho de campo é em si uma experiência de encontros de narrativas e narrativas de encontros, uma escrita de si e do outro em trilhas de travessias culturais. O antropólogo ou o etnógrafo é, antes de ser um autor, um narrador que recria mundos no texto etnográfico que não deixa de ser atravessado por suas inscrições, percepções e interpretações diante do que é observado.

Se o autor regula uma pretensa propriedade ou unidade do que escreve, o narrador é antes um catador ou um coletor. Figura moderna que recolhe “os cacacos, os restos, os detritos, movido pela pobreza, certamente, mas também pelo desejo de não deixar nada se perder.” Este narrador recolhe tudo o que é deixado de lado, que parece

não ter importância ou significação e mesmo o que é inenarrável como o sofrimento ou o que não tem nome, o que não deixou rastros e nem memórias. (GAGNEBIN, 2006, p.54).

O etnógrafo é atravessado por um “estar lá”, no campo, e um ter que “estar aqui”, de volta com informações para o cenário da escrita. (GEERTZ, 2009). Entretanto, a escrita é uma trama, ou está entremeada ou entramada, como sugere Antonádia Borges, para ressaltar a idéia de que no campo estamos envolvidos em uma trama, ou melhor, em várias tramas; E do campo, a etnografia proporciona “narrativas e enredos.” (GEERTZ, 2001: 82).

Talvez essa seja a única coisa que temos de fato nas mãos entre as imagens, os relatos escutados e diante das traduções que fazemos: a apreensão de narrativas sobre a realidade. O próprio texto escrito pode vir a ser uma trama, para Roland Barthes “o texto é uma trama de citações retiradas de inumeráveis centros de cultura”, estando sua unidade não em sua origem, mas em seu destino, aos seus leitores, e há sempre uma “variedade de leituras”, para além do controle de uma “autoridade única”. (Barthes apud CLIFFORD: 2002, 57-58).

O trabalho etnográfico tenta compartilhar “traduções”. Antonádia Borges, citando Geertz, lembra que “o antropólogo deve dar garantias ao leitor não apenas de que esteve lá” no campo, “mas que aquele lá é realmente daquele jeito”. Ou seja, através da página do texto ele deve criar uma veracidade que interligue o fato visto do que ele realmente seja. Teria, então o leitor que ficar sentado, inerte sem ter a menor necessidade de ver com seus próprios olhos os mosaicos descritos nas páginas etnográficas? Indaga a autora:

Seria a boa etnografia aquela que nos cala, que não nos permite desconfiar do que está sendo dito? Vivemos realmente bem pensando que o *mundo real* – com o qual operamos nossas comparações e ficções pessoais – é o mundo como apresentado nos textos? Estaríamos salvaguardados acreditando que tudo deve ou deveria ser interpretação (Geertz novamente) e que portanto não faz sentido falar em um real acessível a todos? Não estaríamos desta forma evitando discutir as interpretações de nossos anfitriões – em um certo sentido, inexistentes, visto que não inscritas em textos? Ou seria melhor apostar no caráter provisório da similitude proposta em nossas etnografias (...)? (BORGES, Antonádia, 2006, p.5).

Talvez apostar nessa provisoriedade, reconhecendo que o texto etnográfico caminha numa linha tênue também entre o fato e a ficção, e que a realidade vista não está contida nas páginas impressas, mas apenas partes dela. Se a cultura e a sociedade só podem ser compreendidas ao serem interpretadas como um fenômeno social total, é preciso englobar dentro de uma lógica compreensiva as artes, portanto não se trata somente de entender essa como objeto, mas de perceber o que elas desvelam dos signos sociais e culturais.

Enquanto a etnografia recombina pela descrição os sentidos vividos para compreender a realidade. A ficção literária segue as lacunas dos signos sociais, ou o que eles deixaram em falso, recriando através das linhas, tintas e cores da arte. Revira os avessos desses signos, recombina suas zonas de comunicação. Ambas procuram novas combinações sobre a realidade a ser lida e interpretada.

A linguagem ficcional move pela experiência textual, pela narrativa, outras formas de existir. Trata-se de uma maneira de constituir outros mundos, de estabelecer relações com o que é estranho, colocando-nos em contato com a alteridade para vivenciar mundos e seu avesso. Ao ler a obra de Silviano Santiago em *Liberdade*, Ana Maria Edelweiss (1990) nos fala em alterbiografia, pensando o texto literário em questão como registro da vida “de e pelo alter”. Uma autobiografia do outro, no caso, a de Graciliano Ramos. Contudo, o escritor ao narrar uma história fictícia não é de outrem que ele está falando? Uma alteridade lembrada, vista ou inventada pela sua imaginação? Por exemplo poderíamos lembrar de Bernardo Carvalho em *Nove Noites* ao pensar na trajetória de Buell Quain. Mas também de Luiz Ruffato em seu *Inferno Provisório* ou em *Eles Eram muitos Cavalos*, quando além das histórias dos migrantes entre Cataguases em São Paulo e a história do proletariado brasileiro, traça também relatos que nos permitem pensar em uma biografia de outrem, a própria cidade.

Cada texto literário é um produto de cada autor e uma forma determinada de acesso ao mundo, mas este acesso não está dado pelo mundo a que o autor se refere ou onde ele se situa. Para que este acesso seja possível, é necessário que a forma seja nele inserido e “inserir não significa imitar as estruturas existentes de organização, mas sim decompô-las”. (ISER, 1996, p.16). Tomar a linguagem como reflexão sobre os signos sociais, mas também como refração ou desvio diante da realidade.

Ora, se a antropologia literária de Iser observa que para exercer um acesso ao mundo pela via literária não basta imitar a realidade do mundo visto e representado, mas decompor suas estruturas de organização, faz também sentido para a antropologia que

seu olhar precisa decompor as estruturas diante de si para delinear conhecimentos e entendimentos acerca de uma determinada realidade.

O universo literário, como outras artes, ao ser tocado pelas mãos das ciências, sobretudo, humanas e sociais, configura-se como uma mistura de tintas, criam outros fins e configurações. Esse encontro, talvez configure a idéia de que o fato antropológico ou sociológico, ou a mesmo o conceito de sociedade, muitas vezes, nem acompanham as concepções dos indivíduos sobre a própria realidade vivida e experimentada. Em suma:

O conhecedor por excelência das mentalidades alheias tem sido o etnógrafo (o historiador também, em certa medida, e o romancista, de um modo diferente (...)) dramatiza a estranheza, enaltece a diversidade e transpira a largueza de visão. (GEERTZ, 2001, p. 80).

### ***Rastros e narrativas***

Em *Micro-História e outros ensaios*, pensando o antropólogo como inquisidor, Carlo Ginzburg percebe nas perseguições inquisitoriais, que nos julgamentos as respostas dos réus nada mais eram que o eco das perguntas dos inquisidores. Numa perspectiva ensaística e antropológica, segue os fios do verdadeiro e do falso, não como oposições, mas como trilhas que perpassam os mesmos caminhos, inventando passos, legitimando narrativas.

Assim, os “arquivos da repressão” são vistos como registros meticulosos escritos com precisão etnográfica, descrevendo palavras, gestos, o corar dos rostos e até os silêncios, uma tradução do diferente e do estranho. Sendo assim, Ginzburg aponta para questões que atingem seu ofício como historiador, mas que são também relevantes para a antropologia: a imposição de uma problemática, a questão da neutralidade, a sensibilidade antropológica na apreensão de uma realidade social e a intuição do pesquisador na construção de seu objeto. Os temas escolhidos por ele como historiador: arquivos da inquisição, perseguições e bruxaria.

Ginzburg ressalta a importância de uma história impregnada de antropologia para compreender a “malha textual” de emaranhados fios que se formam nos diálogos que compõem a realidade social e histórica. Pensando nisso, ele aponta que perseguir rastros para contar, compor histórias, percebendo o falso, o verdadeiro e o fictício no ofício do historiador, de maneira alguma é um processo óbvio. Muitas vezes as histórias verdadeiras têm como objeto o falso.

Os rastros ou os sinais para Ginzburg estão próximos aos aspectos irracionais que perpassam o ofício do historiador, e porque não dizer que perpassam o ofício do etnógrafo, do cientista social ou do escritor?

Os fatos históricos se constituem por meio de rastros deixados pelo passado, com eles os historiadores constroem seus traços e delineam as possibilidades narrativas desses fatos. A partir disso, Ginzburg (2007, p.8) afirma que entre “os testemunhos, sejam os narrativos, sejam os não narrativos, e a realidade testemunhada existe uma relação que deve ser repetidamente analisada”. Com isso, entre o verdadeiro, o falso e o fictício se configuram fios que, percorridos inúmeras vezes, e em várias direções, podem trazer diferentes resultados. Lembra ainda o autor que:

Talvez a própria idéia de narração (...) tenha nascido pela primeira vez numa sociedade de caçadores, a partir da experiência da decifração das pistas. (...) o caçador teria sido o primeiro a “narrar uma história” porque era o único capaz de ler, nas pistas mudas (se não imperceptíveis) deixadas pela presa, uma série coerente de eventos. (GINZBURG, 1989a, p. 152).

Na construção etnográfica se captam narrativas, trajetórias e histórias que buscam captar os rastros do que a realidade cultural nos permite ler. Na encenação literária, onde se percorre por diversas vias os rastros das palavras, podem ser encontradas trilhas do real, rastros das socialidades e de alteridades, que se deixam ver entre os percursos da linguagem que oscila entre o verdadeiro, os passos em falso do real e do fictício.

Percorrer as trilhas do literário pode conduzir aos passos de um mundo imaginado, onde as ações e sentidos são projetados “como se fossem” realidade, no entanto, pelo próprio caráter de simularem a realidade, nela inscrevem seus signos, remontam seus vazios e lacunas. Ginzburg, afirma em sua trajetória:

Quando eu era criança, sonhava em ser escritor, o que era até previsível já que minha mãe escrevia. Depois, pensei em ser pintor. Pintei na adolescência, cheguei a estudar um pouco de pintura, mas, num determinado momento, percebi que não era pintor. E o curioso é que tanto a literatura como a pintura têm muito a ver o que o que faço hoje. Existe uma dimensão literária no trabalho do historiador e tenho muita consciência desse elemento. Existem também esse amor pela pintura, que é muito importante para mim. (...) os romances foram os livros que mais me tocaram. (GINZBURG, 1990, p. 255; 258).

Fictício não quer dizer falso, bem como a busca pela verdade nem sempre se sustenta no verdadeiro. Pensar em rastros literários, nas ficções que permeiam a prática

etnográfica e as próprias ficções da vida social é perseguir pistas, indícios, sinais de uma realidade que só se deixa ver por seus pequenos detalhes, e é constantemente recomposta pelas leituras que dela se pode fazer. A realidade não está dada, é reconstruída, camada por camada e ao mesmo tempo compõe um entrecruzado conjunto de fios que se apresentam emaranhados e que se entrelaçam entre os dedos, o pensamento e a escrita.

Na hora da escrita captamos, muitas vezes, partes de rastros, narrativas, verdades e ficções, que são fios possíveis que interligam uma interpretação do que seja o real ou que nos aproximam da realidade social e cultural. Na construção etnográfica, tal como não sabemos por onde um escritor passou na construção de sua narrativa, não sabemos precisamente o que propiciou a construção de uma determinada alteridade, mas pressupomos, seguimos rastros em busca do que configure sentidos ao conjunto de elementos vistos que pretendemos dar coerência e logicidade na forma de texto. Como aponta Ginzburg: “Ninguém aprende o ofício de conhecedor ou de diagnosticador limitando-se a pôr em prática regras preexistentes. Nesse tipo de conhecimento entram em jogo (diz-se normalmente) elementos imponderáveis: faro, golpe de vista, intuição.” (GINZBURG, 1989, p. 179).

Abordei em outro lugar uma cena singular do filme: *Balzac e a Costureirinha chinesa*, de Dai Sijie (2002), que pode nos fazer pensar sobre a ideia de rastros e narração. Trata-se de uma cena quando o avô da costureirinha chinesa, um velho alfaiate da comunidade, percebendo as mudanças de sua neta - a partir de seu encontro com os rapazes que precisam ser reeducados no ideário comunista de Mao Tsé Tung na década de 1970 - e sua iniciação com a arte da leitura literária, repreende um dos rapazes que a estava ensinando a ler dizendo:

- Às vezes um livro pode afetar sua vida inteira. Pare de ler romances para ela. Eles não dizem a verdade. Aprenda coisas úteis. Vou lhe ensinar a costurar.

Responde o rapaz.

- Avô, sou sem jeito demais para ser um bom alfaiate.

O Avô:

- Dizem que você sabe muitas histórias. Conte-me uma.

- Esta começa em Marselha.

- Onde fica?

- é um porto francês.

- Para que ir tão longe? Não tem algo mais perto? Uma história sobre fantasmas ou bandidos chineses. Nunca me canso dessas histórias.

- Minha história se passa em Marselha. Se não quiser ouvir boa noite.

Reconsidera o velho alfaiate:

- Sobre o que é mesmo a sua história?

O que seriam “coisas úteis”? Costurar seria útil, ler não? O velho alfaiate é captado pelos fascínios das histórias do rapaz, escuta-as, apesar da resistência no prosseguimento da cena. E mesmo com as suas reservas a sua neta é fisgada pela literatura de Balzac a ponto de seus trajetos, sua vida serem modificados pela ficção. Os fios da vida, da ficção e das verdades criadas são demasiadamente tênues. O que é útil nem sempre é o verdadeiro, o inventado pode construir mais verdades para uma vida do que o que é estabelecido como uma verdade.

Pensando nas tramas conceituais com as quais lidamos o conceito de sociedade, talvez como o de cultura têm interferido na maneira como apreendemos as socialidades, ou melhor, as relações sociais em seus embates, conflitos, embates, nomadismos e incertezas. Suas totalidades não terão interferido na maneira como pensamos sobre o que nos falam e nas narrativas que esboçamos?

Na maior parte das vezes esses termos nos ilham num acúmulo de dados e abstrações quando poderiam nos aproximar das grafias vividas e experimentadas na realidade. “Não precisamos do conceito de sociedade, como não precisamos do conceito de indivíduo em oposição a ele, (...) precisamos produzir teorias adequadas a realidade social”. (STRATHERN, 1996, p. 66 – tradução minha).

Ao pensar a escrita etnográfica Strathern aponta que ela só funciona quando for uma “recriação imaginativa de alguns efeitos da própria pesquisa de campo.” As narrativas que davam sentido à experiência de campo precisam ser rearranjadas, pois:

A escrita etnográfica cria um segundo campo. A relação entre esses dois campos, portanto, pode ser descrita como “complexa”, no sentido de que cada um deles constitui uma ordem de envolvimento que habita ou toca parcialmente, mas não abrange a outra. Na verdade, cada um dos campos parece girar em sua própria órbita. Cada ponto de envolvimento constitui, assim, um reposicionamento ou reordenação de elementos localizados em um campo totalmente separado de atividade e observação, e o sentido de perda ou de incompletude que acompanha isso, a compreensão de que nenhum deles jamais estará em conformidade com o outro, é uma experiência antropológica comum. (STRATHERN, 2014, p. 346).

Ao falarmos ou escrevermos não necessariamente damos voz a quem quer que seja, as vozes já existem, talvez precisemos fazer silêncio para que eles falem do existente. Lidando com a literatura contemporânea encontrei um caminho ou método para pensar nas experiências urbanas, trajetos, encontros e também desencontros que podem ser “um fator de captura de seus movimentos, como também a maneira de compreender seus sentidos e tramas.” (SILVA, 2015, p. 341). As ações, as cidades

ficcionalizadas podem nos dar fios dos romelos que montam as tramas da realidade social existente, podem nos ajudar a rastrear o vivido.

No início do livro *Um Sopro de Vida*, Clarice Lispector afirma: “Eu escrevo como se fosse para salvar a vida de alguém. Provavelmente a minha própria vida.” (LISPECTOR, 1999: 13). Talvez nesta afirmação esteja uma ideia para ser aproveitada por nós em antropologia, se “salvamos” alguém com o que dizemos, escrevemos e fazemos, talvez seja a nós próprios e não a outrem. Isto retira dos nossos trabalhos certo teor messiânico ou salvífico, torna-nos mais reais, lidando com as contradições e paixões humanas em suas incoerências e versões paradoxais. Ainda que: “A mais profunda das subversões não consiste obrigatoriamente em dizer aquilo que choca a opinião, a lei, a polícia, mas em inventar um discurso paradoxal.” (Barthes apud MAFFESOLI, 1998, p. 14).

Calar os “pressupostos”, sair das clausuras da abstração, optando por uma leitura que saiba distinguir *evidências* de considerações *evidentes*. Entretanto, independentemente das condições que nos cercam, podemos ser como o poeta que descreve Baudelaire: “aquele a quem uma fada tenha insuflado no berço o gosto pelo disfarce e pela máscara, o ódio do domicílio e a paixão pela viagem.” O intelectual que escreve, goza quase do mesmo prazer do poeta e de seu privilégio, com o poder “de ser como estas almas errantes que buscam um corpo, ele entra, quando quer, na personagem de cada um.” (BAUDELAIRE, 1996, p. 65-67). Clarice Lispector escreve um conto com ideia semelhante intitulado *encarnação involuntária*, que também pode nos inspirar em nossas práticas e aventuras antropológicas:

Às vezes, quando vejo uma pessoa que nunca vi, e tenho algum tempo para observá-la, eu me encarno nela e assim dou um grande passo para conhecê-la. (...) Preciso é prestar atenção para não me encarnar numa vida perigosa e atraente, e que por isso mesmo eu não queira o retorno a mim mesmo.” (LISPECTOR, 1998, p.151).

## Referências

BARTHES, Roland. A Morte do Autor. In: *O Rumor da Língua*. 3ª ed. – São Paulo: Editora WMF, Martins Fontes, 2012.

\_\_\_\_\_. Aula. São Paulo: Cultrix, s.d, p. 7-47.

\_\_\_\_\_. A Tentação Etnológica. In: *Roland Barthes por Roland Barthes*. – São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

BORGES, Jorge Luis. El Jardín de senderos que se bifurcan. In: *Ficciones*. Bussière-France: Gallimard, 1994.

\_\_\_\_\_. El espejo y la máscara. In: *El Libro de Arena*. France: Gallimard, 1990.

BORGES, Antonádia. *Dublê de Outro ou, por que algumas pessoas nos dão à mão em campo?* Gt 33: Narrativas biográficas, etnografia e antropologia: antinomias e intersecções. Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, Saberes e práticas antropológicas: desafios para o século XXI, 25, 2006. *Anais 25ª Reunião Brasileira de Antropologia*, Goiânia: UCG/UFG.

BAUDELAIRE, Charles. As Massas. In: *Poemas em Prosa*. 29ª. Ed. Edição Bilingüe. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1996.

CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano*: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: *A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. 2ª ed. RJ, Ed. UFRJ, 2002.

DIDI-HUBERMAN, Georges. “Regarder n’est pas une competence, c’est une experience.” 12/02/2014. Disponível em: <http://www.lesinrocks.com/2014/02/12/arts-scenes/tout-est-la-rien-nest-cache-11472282/>. Acesso em Abril de 2015.

FOUCAULT, Michel. 1969. O Que é um Autor? In: *Ditos e Escritos III*. Estética: literatura e pintura, música e cinema. Manoel Barros da Motta (Org). – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

\_\_\_\_\_. Nós, Vitorianos. In: *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, História, Testemunha. In: *Lembrar Escrever Esquecer*. – São Paulo: Ed. 34, 2006.

GEERTZ, Clifford. Estar lá, A antropologia e o cenário da escrita. In: *Obras e Vidas*. O antropólogo como autor. 2ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

\_\_\_\_\_. Os Usos da Diversidade. In: *Nova luz sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GINZBURG, Carlo. *O Fio e os Rastros*: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. *Mitos, Emblemas e Sinais*. Morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989 a.

\_\_\_\_\_. *A Micro-História e outros Ensaios*. Rio de Janeiro: Difel, 1989 b.

\_\_\_\_\_. História e Cultura: conversa com Carlo Ginzburg. *Estudos Históricos*; Rio de Janeiro, vol. 3, n.6, p. 254-263, 1990.

GOLDMAN, Márcio. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. *Rev. Antropol.*, São Paulo, v. 46, n. 2, 2003. <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-77012003000200012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012003000200012&lng=en&nrm=iso)> (Acesso: 29/03/3007).

ISER, Wolfgang. *O Fictício e o Imaginário*: perspectivas de uma antropologia literária. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Capítulo XVII. Lugar da Antropologia nas Ciências Sociais e Problemas Colocados por seu Ensino. In: *Antropologia Estrutural*. 5ª ed. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1996.

LISPECTOR, Clarice. *Um Sopro de Vida*. (pulsações). – Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

\_\_\_\_\_. Encarnação Involuntária. In: *Felicidade Clandestina*: contos. – Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MAFFESOLI, Michel. *Elogio à Razão Sensível*. – Petrópolis, RJ, Vozes, 1998.

OKELY, Judith. Anthropology e Autobiography: participatory experience and embodied knowledge. In: *Anthropology e Autobiography*. Edited by OKELY, Judith; CALLAWAY, Helen. New York: Routledge. (ASA Monography 29), 1992.

STRATHERN, Marilyn, 1996, The concept of society is theoretically obsolete. In: *Key Debates in Anthropology*. Edited by Tim Ingold. Publisher: Routledge. London and New York.

\_\_\_\_\_. 12. O Efeito Etnográfico. In: *O Efeito Etnográfico e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

SAID, Edward, 2005, *Representações do Intelectual*: as conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras.

SCOTT, Joan W. “Experiência”. In: *Falas de Gênero*. Teorias, Análises, Leituras. Alcione Leite da Silva, Mara Coelho de Souza Lago e Tânia Regina Oliveira Ramos (Org).- Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.

SILVA, Cristina Maria da. *Rastros das Socialidades*: Conversações com a literatura de João Gilberto Noll e Luiz Ruffato. – São Paulo: Annablume, 2014.

\_\_\_\_\_. Antropologias nas cidades em grafias literárias. In: *Vida e Grafias*: narrativas antropológicas, entre biografia e etnografia. Adriana Dias...[et. al.];

organização Suely Kofes, Daniela Manica. 1ª edição – Rio de Janeiro: Lamparina & FAPERJ, 2015.

**Filme:**

SIJIE, DAÍ, 2002, *Balzac et La Petite Tailleuse Chinoise*. China, França (2002).

FOSTER, Marc. *Stranger than Ficción*, traduzido como *Mais Estranho que a Ficção*, EUA (2006).